

Histórias socioambientais: experiência de jornalismo na plataforma *Medium*¹

Katarini Giroldo Miguel
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Resumo

Apresentamos no espaço deste artigo uma discussão exploratória sobre a produção de informações do Instituto Socioambiental, nas temáticas da preservação do meio ambiente, dos povos tradicionais e das iniciativas de conservação, especificamente na plataforma de conteúdo colaborativo *Medium*. Cruzamos aqui as concepções de jornalismo ambiental, a partir de Bueno (2007), tensionando a ruptura epistemológica, colocada por Leff (2002), com a proposta da complexificação das narrativas e do diálogo dos afetos, de Medina (2008ab) para entender as experiências jornalísticas sobre meio ambiente e suas correlações em uma lógica midiática não convencional.

Palavras-chave: Jornalismo Ambiental; Diálogo dos afetos; *Medium*; Instituto Socioambiental.

Da narrativa da pesquisa e seus pressupostos

Nazária colhe e conversa, conversa e colhe. Despeja o colorido no aturá. “Essa roça aqui é feita pelo pai das minhas filhas sozinho. Depois de queimada, aproveitamos esse espaço aqui para fazer coivara [técnica de queima e plantio], para formar espaço para plantar essas pimenteirias”, disse. As parceiras baniwa ajudam na colheita. O aturá logo fica iluminado, pronto para retornar à comunidade (...)

Com o aturá de Nazária cheio, e a noite se aproximando, chegava a hora de retornar para a comunidade, que se aprontava para a festa do dia seguinte, 7 de maio, dia de abrir as portas da Casa da Pimenta Takairo. A quinta unidade de uma rede de casas de beneficiamento da Pimenta Jiquitaia Baniwa que hoje pontua os rios Negro, Içana e Ayari.

(ALMEIDA, 2018a)

Partimos da concepção de narrativa, cara ao jornalismo, como a “expressão humana que entretece os significados em configurações coerentes” (MOTTA, 2012, p.61). Narrar enquanto atitude, compromisso com uma história que organiza os fatos em diferentes expressões de tempo, estilo, ritmo; desvela a alteração de pessoas e coisas (COIMBRA, 2002). O trecho que inaugura nosso artigo, retirado da reportagem “A força

¹Trabalho apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

feminina da Pimenta Baniwa”, publicada pelo Instituto Socioambiental, elucida essas características. E vai além. A narrativa, como dispositivo argumentativo, investe na descrição como componente de interpretação e subjetividade, envolve o outro na trama de uma informação preocupada em impressionar os sentidos e nos situar no mundo.

Os conteúdos produzidos pelo Instituto Socioambiental na plataforma *Medium* carregam essas características e promovem um jornalismo, ainda que institucional, mais engajado, preocupado com a complexidade das temáticas, portanto, distante da pragmática jornalística, por isso a flexão no plural: pensamos em jornalismo. Temos então, nossa hipótese central: o movimento ambiental pratica um jornalismo ambiental complexo, oportunizado pelas plataformas tecnológicas.

Essa hipótese, em construção, parte de outros trabalhos e pesquisas em desenvolvimento, desde 2014, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, tendo como escopo o projeto de pesquisa “Pensar a cibercultura ambientalista”, que subsidiou artigos publicados e pesquisas de Iniciação Científica, que levantaram os investimentos em recursos tecnológicos para divulgar informações sobre meio ambiente e suas correlações². Investigamos as narrativas desenvolvidas por quatro Organizações Não-Governamentais - que tomamos como parte de um amplo e difuso movimento ambiental -, com maior notoriedade e engajamento nas redes: WWF e Greenpeace Brasil, Instituto Socioambiental (ISA) e Fundação SOS Mata Atlântica. Identificamos produções transmídias, reportagens multimídias, uso de realidade virtual, de *gamificação*, webséries /webdocs e, sobretudo, o que nos interessa neste artigo: força narrativa. As apostas ainda se revelaram muito próximas do ideal de jornalismo ambiental e da ambição do diálogo dos afetos, aproveitando do potencial tecnológico, por exemplo, para provocar imersão, pertencimento em diferentes realidades, envolvimento e protagonismos.

Levantamos que o ISA³ é a organização com mais investimentos em recursos tecnológicos e narrativas em rede; publica com mais frequência e alcança a concepção de sócio e ambiental com pautas pluralizadas, além de ser a única que mantém um perfil atualizado no *Medium*, o que mereceu um olhar cuidadoso dentro do nosso contexto de pesquisa. O *Medium* se intitula como uma plataforma social de publicação de conteúdo

² Em trabalhos apresentados e publicados em edições passadas do próprio Congresso Intercom trouxemos resultados das nossas pesquisas, que retomamos aqui (FRAIHA, MIGUEL, 2018 ; MIGUEL, 2017).

³ O Instituto Socioambiental é uma organização da sociedade civil brasileira, fundado em 1994, que desenvolve projetos ambientais. Mantém sede em São Paulo e atuação direta em Brasília (DF), Manaus (AM), Boa Vista (RR), São Gabriel da Cachoeira (AM), Canarana (MT), Eldorado (SP) e Altamira (PA).

multimídia responsivo, focado em histórias pessoais, interações entre os usuários e com curadoria para conectar pessoas com interesses semelhantes. Desde 2016, o ISA edita o perfil “Histórias Socioambientais”, que “focam na defesa de bens e direitos sociais, coletivos e difusos relativos ao meio ambiente, ao patrimônio cultural e aos direitos dos povos”⁴.

Contabilizamos, no total, 33 Histórias Socioambientais, sendo a primeira em março de 2016 e a última em junho de 2019 (com observação realizada até 20 de junho). Todos os textos trazem abordagens de problemas ambientais, iniciativas de conservação, discussões de políticas pertinentes, a partir da realidade das comunidades indígenas, ribeirinhas, quilombolas e dos produtores locais, afetados e envolvidos nas causas, revelando o compromisso com a própria missão institucional e com suas fontes de financiamento. É certo que a maior parte do conteúdo é relacionada aos projetos desenvolvidos com recursos de patrocinadores, fundos públicos e privados, o que é devidamente sinalizado para o leitor. Ressalvamos isso porque não nos cabe aqui ingenuidade, mas é certo também que podemos ver sob a ótica dos jornalisismos, e das possibilidades de financiamento da produção noticiosa, dando fôlego para a prática jornalística não convencional, que proporciona, inclusive, o engajamento direto do jornalista com as ações: uma dinâmica de trabalho própria das narrativas dos afetos.

Para melhor visualização dos conteúdos produzidos, elaboramos uma tabela com data, título e a síntese do assunto, reproduzida abaixo. É a partir desse levantamento e da exploração do material, no sentido de reconhecer e identificar seus elementos-chave para melhorar nossas hipóteses, que apresentamos nossos resultados, com métodos de abordagem qualitativa e objetivo exploratório (GIL, 2007). A discussão teórica que ampara as análises, parte do entendimento da epistemologia ambiental, com apoio de Leff (2002), para chegar na configuração de um jornalismo ambiental, bem aportado por Bueno (2007), revelando a proximidade com as narrativas dos afetos de Medina (2008b). Nesse sentido, nosso trabalho intenta uma perspectiva dialogada, mais flexível e atenta à proposta dos afetos propriamente, sem negligenciar nosso contexto atual de ameaças diretas aos povos tradicionais e ao meio ambiente. Não há divisões entre a episteme e a empiria. Discutimos a teoria e revelamos a prática. Esta é, pelo menos, a nossa tentativa.

⁴ Disponível em: <https://medium.com/@socioambiental>. Acesso em: 28 jun.2019

DATA	TÍTULO	SÍNTESE
23/03/2016	O povo Yanomami está contaminado por mercúrio do garimpo	Estudo da Fiocruz, em parceria com o ISA que aponta presença de altos níveis de mercúrio em habitantes da Terra Indígena Yanomami.
18/04/2016	Mulheres Yanomami em movimento	Encontro de mulheres indígenas, região do Catrimam (RO).
20/05/2016	O sabor da floresta em pé	As cadeias de produção estruturadas e as redes de distribuição dos produtos da floresta como cogumelos yanomamis, pimenta e cerâmica baniwa, mel do xingu, óleos de pequi e babaçu, azeite e farinha de castanha do Pará.
31/05/2016	Eu vivo da floresta	Reunião, durante Semana do Extrativismo, entre indígenas, ribeirinhos e agricultores familiares para discutir estratégias para produzir na Terra do Meio (PA).
10/08/2016	Rumo ao Pico da Neblina, com os Yanomami	Expedição ao ponto mais alto do Brasil para avaliar as condições da trilha e o potencial ecoturístico do Pico da Neblina (AM).
30/09/2016	Belo Monte, o que fizeram de nós?	Terceira Canoada ‘Bye Bye Xingu’ e um ano do barramento do rio para construção da hidrelétrica de Belo Monte.
11/10/2016	Pimenta Jiquitaia Baniwa para corpo e alma	Livro sobre a história do cultivo da pimenta, feito exclusivamente pelas mulheres, e sua utilização na culinária e nos rituais da comunidade indígena.
18/11/2016	Floresta de gente, floresta de semente	Projeto com o Rock in Rio para plantio de árvores em Bom Jesus do Araguaia (MT), em parceria com Funbio, ISA e Rede de Sementes do Xingu.
16/11/2016	Xingu Solar	Investimento em energia solar feito pelos índios do Xingu para reduzir a dependência de óleo diesel.
02/12/2016	Belo Monte, um legado de violações	Publicação de um balanço dos passivos, pendências e dívidas da usina com os povos do Xingu, após um ano de licença de operação da Hidrelétrica de Belo Monte.
28/03/2017	O que aprendi com os quilombolas do Vale do Ribeira	Depoimento do arquiteto Marcelo Rosenbaum sobre projeto desenvolvido com os quilombolas, em parceria com a Universidade de Belas Artes (SP).
06/06/2017	A Economia do conhecimento da floresta é possível	Lançamento do minidocumentário “Xingu, histórias dos produtos da floresta”, que apresenta cadeias de produtos da sociobiodiversidade da Amazônia, desenvolvidas por índios, pequenos agricultores e extrativistas.
11/06/2017	Semear o futuro na bacia do Xingu	“Reportagem especial” sobre os 10 anos de criação da Rede de Sementes do Xingu, que tem como objetivo recuperar áreas degradadas e gerar renda para as comunidades. Primeiro episódio do minidocumentário “Xingu, histórias dos produtos da floresta”.
18/06/2017	Frutas do Cerrado e da floresta: renda, saúde e floresta em pé	“Reportagem especial” sobre a produção de polpas de frutas do Araguaia e de óleo de pequi do Povo Kĩsêdjê, no Xingu. Segundo episódio do minidocumentário “Xingu, histórias dos produtos da floresta”.

/05/06/2017	Economia do conhecimento na Terra do Meio	“Reportagem especial” sobre a integração entre ribeirinhos, indígenas e extrativistas de um mosaico de áreas protegidas entre os rios Xingu e Iriri, no Pará, que proporcionou uma cadeia de produção sustentável. Terceiro episódio do minidocumentário “Xingu, histórias dos produtos da floresta”.
09/08/2017	10 anos de Rede de Sementes do Xingu... É só o começo	Atuação da rede de sementes nativas composta por coletores indígenas, ribeirinhos, agricultores familiares e urbanos, produtores rurais, técnicos e parceiros, no Território Indígena do Xingu (MT).
21/09/2017	Os donos do rio	Quarta Canoada na região de Volta Grande do Xingu (PA) para verificar os impactos da obra da hidrelétrica de Belo Monte.
14/12/2017	Como amansar o fogo	As estratégias dos povos indígenas do Xingu para lidar com as mudanças ambientais do entorno, em especial com o fogo que atinge suas terras.
15/01/2018	Da floresta para a merenda	Oficinas com merendeiras de municípios do Xingu para conhecer a farinha de babaçu e os produtos da floresta.
09/02/2018	Mapeando lugares sagrados e paisagens da Terra Indígena Alto Rio Negro, Amazônia	Lançamento da coleção cartográfica de 12 mapas da região do Baixo Rio Uaupés, como parte da série Cartô Brasil Socioambiental.
22/06/2018	A força feminina da Pimenta Baniwa	Inauguração da Casa da Pimenta Takairo na comunidade Canadá, Terra Indígena Alto Rio Negro (AM) pelas mulheres indígenas da etnia.
05/07/2018	Valorizando os velhos, inspirando os jovens	Semana do Extrativismo na Terra do Meio (PA), com destaque para a presença indígena, produções de castanha e borracha.
30/07/2018	Títko: a jornada épica da castanha do povo Wai Wai	A produção da castanha como instrumento de independência dos indígenas em terras ameaçadas por invasores.
21/08/2018	Com sementes crioulas ameaçadas, comunidades quilombolas dizem #TáNaHoradaRoça	Feira de Troca de Sementes e Mudas do Vale do Ribeira.
26/09/2018	O céu pode cair, mas os Yudjá resistem	Quinta edição da Canoada Xingu, com objetivo de verificar impactos provocados pela Usina de Belo Monte, em Volta Grande do Xingu (PA).
28/09/2018	“São os mais velhos que ensinam como viver em nosso território”	I Encontro Geral dos Agentes Indígenas de Manejo Ambiental da bacia do rio Negro (AM).
16/10/2018	Caminhos contra o retrocesso	Entrevista com um dos fundadores do ISA Márcio Santilli sobre alianças da Constituinte.
19/10/2018	‘Coragem’, ‘beleza’, ‘verdade’ e outras palavras que aprendi com as Yanomami	Depoimento da jornalista do ISA Leticia Leite sobre aprendizados adquiridos durante a XI Encontro de Mulheres Yanomamis.
23/10/2018	Fica, vai ter floresta	Terceira Expedição da Restauração Ecológica e da Rede de Sementes, no Rio Xingu (MT).

10/11/2018	Alternativa Cacau	Produção de chocolate na Terra Indígena Yanomami como alternativa ao garimpo ilegal de ouro.
17/12/2018	Em articulação inédita, ribeirinhos atingidos pela usina Belo Monte determinam os caminhos para retornarem ao seu território	Oficialização do Conselho Ribeirinho que atua na consolidação do território, após deslocamentos de famílias pela Usina Hidrelétrica de Belo Monte.
20/02/2019	Nós respeitamos vocês, queremos que vocês nos respeitem	Lançamento do Protocolo de Consulta, dos indígenas Kayapó-Menkrãnoti, sobre decisões públicas que afetam suas vidas e seu território.
10/06/2019	Trabalha junto, festeja junto	Comemorações na data em que o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) reconheceu o Sistema Agrícola Tradicional Quilombola como patrimônio imaterial do Brasil.

Da ruptura epistêmica entre meio ambiente e jornalismo ou o que é meio ambiente nos jornalismo

Como alicerce da nossa discussão, temos o conceito propriamente de meio ambiente e toda a complexidade ambiental que o modelo de sociedade custa a entender. As recentes afrontas à preservação ambiental e o desprezo aos povos da floresta na atual gestão do ministro do meio ambiente, Ricardo Salles, não nos permitem tratar a pesquisa como algo isolado da realidade que a cerca. Nosso contexto revela o total desmonte dos órgãos de gestão Ibama e Instituto Chico Mendes, agora sob a tutela das Forças Armadas e da Polícia Militar; a paralisação das demarcações de terras indígenas e o enfraquecimento da Funai (Fundação Nacional do Índio), que perde suas prerrogativas sob o comando de um Ministério da Justiça em suspeição; no fronte também a redução drástica da participação da sociedade civil organizada no Conama (Conselho Nacional de Meio Ambiente), que eliminou as representações indígenas das instâncias de decisão. Além da tentativa de colocar em xeque o debate sobre mudanças climáticas, com extinção da secretaria específica; desqualificar a atuação das Organizações Não Governamentais ambientalistas, até mesmo suspendendo seus projetos de conservação que somavam investimentos de R\$1 bilhão proveniente de multas e infrações, e propondo mudanças na gestão dos recursos do Fundo Amazônia, executado majoritariamente por ONGs. E não para por aí. Está em discussão um projeto de lei geral de licenciamento ambiental para flexibilizar autorizações de atividades, em especial, do setor produtivo, e há ainda propostas para rever o tamanho das Unidades de Conservação já consolidadas.

Neste cenário de aviltamento das questões socioambientais, os holofotes da mídia convencional parecem não alcançar a gravidade do tema. Suspeitamos, com base em observações empíricas que não pretendemos alongar aqui, que o espaço midiático, na perspectiva convencional, foi tomado por outras reivindicações, não menos urgentes, de cunho mais identitário, trazendo diferentes pautas de uma minoria social à mingua, que está aprendendo a gritar por suas tantas necessidades. Nos cabe, portanto, destacar a questão ambiental como transversal, com potencial para situar as produções de vida e suas subjetividades. Para entender essas articulações, recorreremos a Enrique Leff que fundamenta a epistemologia ambiental e coloca o meio ambiente para além de um objeto de conhecimento.

... é um trajeto para chegar a saber o que é o ambiente, esse estranho objeto do desejo de saber que emerge do campo de externalidade e de extermínio para o qual foi enviado, expulso do logocentrismo e do círculo de racionalidade das ciências. O ambiente não é ecologia, mas a complexidade do mundo; é um saber sobre as formas de apropriação do mundo e da natureza através das relações de poder que se inscreveram nas formas dominantes de conhecimento. A partir daí abre-se o caminho que seguimos para delinear, compreender, internalizar e finalmente dar seu lugar - seu nome próprio à complexidade ambiental.(LEFF, 2000, p.17)

Temos um campo de luta contra as “ideologias geradas por uma ecologia generalizada e um pragmatismo funcionalista” (LEFF, 2002, p.63) , não necessariamente um objeto científico, daí a necessidade de fundamentar uma epistemologia capaz de atender às transformações do conhecimento provocadas pela problemática ambiental. O paradigma ambiental, para Leff, não se apresenta acabado, está amparado em conhecimento formal, mas também nos esquemas de organização social, econômica, midiática, e no discurso dos movimentos sociais e ambientais.

No campo midiático, abarcar essa complexidade é um desafio. As lentes jornalísticas reduzem o campo ambiental a abordagens específicas, em especial às técnico-científicas e econômicas, e comprometem o entendimento do contexto inter e multidisciplinar. Em consequência, o receptor não alcança “a amplitude e a importância de determinados conceitos, e geralmente vislumbra o meio ambiente como algo que lhe é externo, distante”(BUENO, 2007, p.17). O desprezo pela transdisciplinaridade, em consonância com a fragmentação do conhecimento, não são exclusivos das pautas ambientais, mas resultados de uma prática jornalística historicamente positivista,

industrial e de conseqüente divisão técnica do trabalho, que dificulta a abordagem multidimensional e de multicausalidades (MEDINA, 2008a).

Sob a técnica, ética e estética das coberturas jornalísticas sobre questões que envolvem ambientes naturais, espécies, povos e culturas está a concepção de jornalismo ambiental. “Processo de captação, produção, edição e circulação de informações (conhecimentos, saberes, resultados de pesquisas, etc.) comprometidas com a temática ambiental e que se destinam a um público leigo, não especializado” (BUENO, 2007, p.35).

Esse tipo de jornalismo especializado encontra espaço não geração de conteúdos do movimento ambiental, que aplica as técnicas em um contexto de militância e parcialidade, que confronta as coberturas e o sistema fragmentado da produção jornalística convencional, e atinge a perspectiva engajada proposta por Bueno (2007) e Medina (2008ab). Para pensar numa prática jornalística aprofundada e multidimensional, além de desenvolver a compreensão holística em relação ao meio ambiente, é necessário certo engajamento sócio-político do jornalista, visto que frente aos tensionamentos das instituições governamentais, privadas e científicas, não existe espaço para isenção ou omissão política (BUENO, 2007). O jornalista que amputa sua sensibilidade para a militância ambiental, com o receio da parcialidade jornalística, corre o risco de limitar sua cobertura e torná-la distante da prática cotidiana. Como argumenta Medina (2008a, p.109), para criar uma narrativa complexa “é preciso contato e o movimento: o corpo por inteiro abre a sensibilidade para a intuição criadora que, por sua vez, mobiliza a razão complexa para uma intervenção transformadora”.

Os textos do ISA na plataforma *Medium* seguem o *modus operandi* do jornalismo: pesquisa, entrevista, levantamento e exposição de dados; estrutura textual com título, subtítulo, citações diretas e indiretas de fontes pessoais, documentais, descrições, recorte temporal atual, além de serem assinados por profissionais declarados jornalistas. Dos 33 textos que acompanhamos, apenas quatro fogem do roteiro da reportagem propriamente, sendo três depoimentos e uma entrevista no estilo pergunta e resposta (também técnica, gênero e formato jornalístico), com um dos fundadores da instituição. Contudo, não são textos que se revestem da suposta objetividade ou de uma verdade absoluta que, como lembra Medina (2008a), acaba por reduzir a complexidade da realidade a um único ângulo.

A narrativa “‘Coragem’, ‘beleza’, ‘verdade’ e outras palavras que aprendi com as Yanomami” revela esse envolvimento quando relata, em primeira pessoa, uma experiência pessoal no acompanhamento do XI Encontro de Mulheres e no treinamento em comunicação ofertado para que as indígenas pudessem produzir suas próprias fotos, vídeos e texto. A jornalista marca posição política ao contextualizar o risco da então candidatura de Jair Bolsonaro para a vida das mulheres e se integra : “Nós, mulheres, não temos outra escolha senão sobreviver juntas. É assim no Watoriki, casa de Ehuana, Fátima e outras 69 das mulheres Yanomami. É assim em Brasília, onde tenho a minha casa. É assim para as mulheres” (LEITE, 2018).

São coberturas interessadas em outras fontes, outros modos de vida, outras abordagens e protagonismos. Por um lado, apresentam esperança e resistência, apoiadas em projetos e iniciativas em desenvolvimento, como nos casos das reportagens: “Semear o futuro na bacia do Xingu: Reportagem especial conta como a Rede de Sementes do Xingu, com dez anos de existência, contribui para recuperar áreas degradadas, gerar renda e valorizar a sociobiodiversidade da bacia do Xingu”⁵; “ Frutos do Cerrado e da floresta: renda, saúde e floresta em pé. Reportagem especial conta como as polpas de frutas do Araguaia e produção de óleo de pequi do Povo Kĩsêdjê, no Xingu⁶, são exemplos de valorização da sociobiodiversidade e dos saberes tradicionais da região” e “Alternativa Cacau: como a produção de chocolate na Terra Indígena Yanomami pode ser uma resposta ao garimpo ilegal de ouro”⁷. Os textos são explicativos, didáticos no sentido de sempre esclarecer “o como”, apesar de conotarem um certo consenso entre conservação e desenvolvimento que pode negligenciar os conflitos inerentes.

Por outro lado, também trazem denúncias e relatos de destruições e impactos. O texto, “Belo monte: um legado de violações”, por exemplo, traz um balanço dos passivos, pendências e dívidas geradas pela licença de operação da usina de Belo Monte, e logo no início traz o tom da denúncia: “Indígenas isolados ameaçados, sistema de saneamento básico em Altamira (PA) incompleto — jogando esgoto diretamente em rios e igarapés, hospital fechado, ribeirinhos expulsos de suas casas — lutando para recuperar seus modos

⁵ Disponível em: <https://medium.com/hist%C3%B3rias-socioambientais/semear-o-futuro-na-bacia-do-xingu-9db539082e84>. Acesso em: 28 jun.2019.

⁶ Disponível em: <https://medium.com/hist%C3%B3rias-socioambientais/frutas-do-cerrado-e-da-floresta-renda-sa%C3%BAde-e-floresta-em-p%C3%A9-8095b30f155>. Acesso em: 28 jun.2019.

⁷ Disponível em: <https://medium.com/hist%C3%B3rias-socioambientais/alternativa-cacau-6b8c3f3f8428>. Acesso em: 28 jun.2019.

de vida -, Terras Indígenas desprotegidas e o rio Xingu definitivamente transformado” (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL,2016). Outro exemplo no mesmo sentido, que evidencia os impactos do desenvolvimento, é “O povo Yanomami está contaminado por mercúrio do garimpo: estudo inédito da Fiocruz, em parceria com o ISA aponta presença de altos níveis de mercúrio em habitantes da Terra Indígena Yanomamis”⁸. Há abordagens mais cotidianas dos povos e que dão visibilidade a diferentes formas de vida e adaptações, como o caso do texto “Como amansar o fogo: Conhecedores milenares sobre o manejo do fogo, povos indígenas do Xingu estão construindo estratégias para lidar com as mudanças ambientais do entorno que mudaram a força do fogo e impactam seu território”⁹.

Portanto, são exemplos de jornalismo especializado, proporcionados pelos espaços em rede, que dimensionam o meio ambiente em lógica oposta à mídia convencional, contaminada pelos seus vícios econômicos, políticos e da própria rotina. No próximo tópico ensaiamos essas questões.

Das síndromes do jornalismo às narrativas complexas do movimento ambiental

Ao analisar o jornalismo ambiental praticado pelos órgãos de imprensa, Bueno (2007) enumerou distorções frequentes, que ele classificou como síndromes: sintomas que evidenciam uma patologia. A primeira delas, que já ensaiamos nas páginas anteriores, diz respeito aos enquadramentos noticiosos que retiram a perspectiva inter e multidisciplinar das reportagens ambientais, devido à natureza fragmentada da produção jornalística, a “síndrome do zoom ou do olhar vesgo”. Prática que não foi observada nas Histórias Socioambientais, que integram às pautas, questões sociais e culturais. Reiteramos aqui: todas as narrativas são focadas na relação entre os povos e o ambiente natural, ou melhor, a simbiose é a tônica.

Já a “síndrome do muro alto” - refere-se à desvinculação dos aspectos técnico e das relações econômicas, políticas e socioculturais, com maior valorização do discurso especializado. Relacionado a isso está outra patologia, a “*lattelização* das fontes”, ou seja, a supervalorização de fontes que possuem currículo acadêmico e conhecimento

⁸ Disponível em: <https://medium.com/hist%C3%B3rias-socioambientais/o-povo-yanomami-est%C3%A1-contaminado-por-merc%C3%B3rio-do-garimpo-fa0876819312>. Acesso em 28 jun.2019.

⁹ Disponível em: <https://medium.com/hist%C3%B3rias-socioambientais/fogo-do-%C3%ADndio-65df77094096>. Acesso em: 30 jun 2019.

legitimado pelo meio científico, mas que, por vezes, estão movidas por interesses corporativos e pessoais. É pujante a sedução jornalística pelo discurso da competência, ou seja, pela fonte autorizada e altamente especializada, desprezando o cidadão que realmente convive com as mazelas sociais e ambientais. O ISA combate essa performance. Traz sim fontes especialistas, no geral pesquisadores e ambientalistas da própria organização, mas há o esforço em dar protagonismo para as comunidades. São elas que contam suas histórias, relatam suas experiências, evidenciam suas problemáticas, ainda que mediada pela organização. Os vídeos, que compõem as narrativas no *Medium*, trazem a manifestação desses povos em primeiro plano, e os textos também evidenciam essa abordagem:

Braseiros vivos na maloca da aldeia Jatapuzinho, Terra Indígena Trombetas-Mapuera, Roraima. É manhã de um dia nublado de junho que começou muito antes do sol nascer. Entre folhas de bananeira, chapas e painéis brilhantes, mulheres Wai Wai trabalhavam orgulhosas para apresentar nove fartos preparos com títko (lê-se tâtko), a castanha do povo Wai Wai (...)A castanha do povo Wai Wai é, acima de tudo, a estrela de sua cultura e de sua soberania alimentar (...)

No comando, as parceiras Rebeca e Lenita Wai Wai mostraram como a goma e a massa de castanha—sem sal ou açúcar—devem ser moldadas com cuidado ao caule para se transformarem em um tubo denso que, após assado, ganha um leve adocicado natural.“Aprendi o Kapayo Répu com minha mãe quando era pequena”, relembra Rebeca. “A gente assa devagar, sem pressa, até ficar queimadinho por fora para dar sabor.”. (ALMEIDA, 2018b).

O ideal de jornalismo ambiental proposto por Bueno (2007, p.36), busca estabelecer uma aproximação entre o diálogo acadêmico e o saber tradicional; “deve estar, umbilicalmente, sintonizado com o pluralismo e a diversidade deve potencializar o diálogo entre o catedrático e o pescador, entre o agrônomo e o trabalhador rural, o mateiro e o biólogo e não deve estigmatizar a sabedoria dos pajés”. Esta articulação de saberes, inclusive com referências aos líderes indígenas, aos dialetos próprios, promovendo eventos e encontros de pesquisadores com povos tradicionais, caso das Canoadas no rio Xingu, dos mapeamentos dos locais sagrados na Terra Indígena Alto Rio Negro, está presente na atuação e nas narrativas do *Medium* aqui analisadas, que trazem como slogan: “Inspire-se com a força e sabedoria dos povos da floresta”.

Temos por fim, a “síndrome da baleia encalhada”, que trata da espetacularização das tragédias ambientais e o isolamento desses casos do seu contexto e dos seus reais

fomentadores. Ainda que as tragédias ambientais ocupem espaço na narrativa das ONGs, compreensível, dada a violência das ações, o ISA aborda certas problemáticas com insistência, como o caso dos impactos da construção da usina hidrelétrica de Belo Monte, alvo de pelo menos seis textos, mas sempre a partir da perspectiva do invisibilizado. Inclusive, com foco na organização política, como a informação sobre criação de um conselho para reassentamento na área atingida pelo empreendimento: “Em articulação inédita, ribeirinhos atingidos pela usina Belo Monte determinam os caminhos para retornarem ao seu território”¹⁰. Os textos trazem como fontes também antropólogos, biólogos, vinculados a universidades e institutos de pesquisa, em um movimento de interlocução de conhecimentos científico/ tradicional, mas a versão é clara, denomina diretamente os responsáveis.

Somos os Yudja, os donos do rio Xingu. Por isso que a gente briga, batalha, discute e faz o que for necessário para defender esse rio que pertence a nós”, conta Jailson Juruna, o Caboco, em frente à cachoeira do Jericoá, na Volta Grande do Xingu (PA). É o ponto final da Canoada Xingu, expedição com 94 pessoas, que percorreu a região a fim de monitorar as mudanças provocadas pela hidrelétrica de Belo Monte.

A cachoeira do Jericoá, sagrada para os Yudja—ou Juruna como são conhecidos na região—já não jorra tanta água. Após o barramento do rio por conta da hidrelétrica de Belo Monte, há quase dois anos, a vazão natural do rio deixou de passar na região para encher os reservatórios e operar a casa de força principal da usina (...)

Mesmo com a Licença de Instalação suspensa desde fevereiro deste ano, a mineradora Belo Sun continua sendo uma ameaça para os povos que ali vivem. A empresa promete ser a maior mineradora de ouro a céu aberto do Brasil e retiraria, se fosse implementada, cerca de 600 toneladas de ouro em 12 anos. Ao final da exploração, deixaria duas pilhas gigantes de rejeito de material estéril quimicamente ativo terão, somadas, área de 346 hectares e 504 milhões de toneladas de rochas, sem plano para sua remoção (HARARI, 2017).

Inferimos também nos trechos acima o respeito aos territórios e às linguagens próprias, sem forjar traduções para simplificar o conteúdo. Com isso, vislumbramos o direto a ternura, como paradigma de convivência, de empatia e aceitação do diferente sem dominá-lo a partir da lógica hegemônica (MEDINA, 2008b).

¹⁰ Disponível em: <https://medium.com/@socioambiental/em-articula%C3%A7%C3%A3o-in%C3%A9dita-ribeirinhos-atingidos-pela-usina-belo-monte-determinam-os-caminhos-para-3743b8440973>. Acesso em 30 jun.2019.

De volta à cobertura ambiental convencional, há ainda a tentativa de naturalizar as políticas de dominação e ocultar os processos econômicos de exploração, provenientes das relações sociais, com o discurso da responsabilidade individual, como coloca Leff (2002), muito próprio dos veículos de comunicação. Ao colocar o sujeito consumidor como central na resolução dos problemas ambientais, omite que a maior degradação ambiental é oriunda das relações de poder e do setor produtivo.

O discurso do desenvolvimento sustentável é outro exemplo que busca gerar um consenso, uma solidariedade internacional sobre os problemas ambientais, apagando a responsabilidade política sobre a exploração da natureza. Ainda que algumas Histórias Socioambientais evidenciem soluções e alternativas de desenvolvimento, sinalizando para uma certa conformidade, como citado anteriormente, o foco nos parece mais no desvelamento de modos de vida tradicionais e complexos. A ver, a própria série com cinco reportagens especiais sobre economia do conhecimento, geração de renda e sustentabilidade na Amazônia, que acompanha os episódios do minidocumentário “Xingu, histórias dos produtos da floresta”. Nenhum dos textos da plataforma trata as questões de forma isolada ou ingênua, nos moldes de cartilhas facilmente assimiláveis e reproduzidas pela lógica da mídia: economize água, recicle seu lixo, diminua o uso de papel. Em suma, sabemos que a natureza da informação de uma organização ambiental é diferente da produzida pela indústria midiática, mas é fato que a primeira pratica o jornalismo, ou um dos tantos jornalisismos.

Considerações finais

Mãos tão marcadas pelo sol que parecem talhadas em madeira, mãos delicadas e em cujas unhas o resquício de esmalte rosa claro resiste, mãos firmes e com vincos entrincheirados nas juntas dos dedos ou, ainda, mãos inconfundivelmente manchadas por urucum e jenipapo. Basta olhar para as mãos dos coletores da Rede de Sementes do Xingu para entender a diversidade cultural dos responsáveis pela coleta, manejo e beneficiamento das sementes comercializadas pela Rede e cujo destino final é o plantio para a recuperação de áreas desmatadas e degradadas nas cabeceiras do rio Xingu e outras regiões da Amazônia e Cerrado (YAMAOKA, 2017).

Finalizamos com o trecho de uma das reportagens da série, citada na página anterior, “Semear o futuro na bacia do Xingu” que é parte do projeto “Sociobiodiversidade Produtiva no Xingu”, apoiado pelo Fundo Amazônia, ameaçado

pelo governo atual, para ressaltarmos a importância dessas narrativas para além da prática jornalística, como focos de resistência. Outras reportagens e produções na plataforma também contaram com aporte de financiamentos como da União Europeia e do Fundo Nacional de Mudanças Climáticas, com isso, é possível viabilizar ações de comunicação e jornalismo ambiental em tempos que o jornalismo justamente repensa seu modelo de negócios.

Os exemplos das Histórias Socioambientais publicadas na plataforma *Medium*, vinculadas à atuação de uma organização do movimento ambiental, sinaliza para a possibilidade de atender aos preceitos da complexidade do jornalismo ambiental e do diálogo dos afetos e vão ao encontro da essência da narrativa no sentido de apresentarem e constituírem intersubjetivamente o mundo” (MOTTA, p.61). Além disso, a constituição de pautas interdisciplinares, que envolvem povos e culturas, a promoção da evidência do outro, o engajamento do próprio jornalista, a informação como ferramenta de militância, extrapolam os limites da objetividade positivista tão aclamada na prática jornalística cotidiana, mas tão prejudicial à complexidade ambiental.

As investigações em torno das narrativas ambientais vão continuar, no sentido de entender essas produções e suas funções formativas, analisar de fato o alcance dessas informações e sua influência (ou não) na política ambiental. Mas assim como é necessário compreender a epistemologia ambiental para desenvolver jornalismo apropriados, é certo que a comunicação não é um termo menos complexo e interdisciplinar, exige a junção de diversas áreas do saber para empreender estudos mais conclusivos.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, R. A força feminina da Pimenta Baniwa. **Medium.com/histórias-socioambientais**, 2018a. Disponível em: <http://bit.ly/2Jd5nIQ>. Acesso em 06 jun.2019.
- ALMEIDA, R. Títko: A jornada épica da castanha do povo Wai Wai. **Medium.com/histórias-socioambientais**, 2018b. Disponível em: <http://bit.ly/2NqibRw>. Acesso em 06 jun.2019.
- COIMBRA, O. **O texto da reportagem impressa: um curso sobre sua estrutura**. São Paulo: Ática, 1993
- HARARI, I. Os donos do rio. **Medium.com/histórias-socioambientais**, 2017. Disponível em: <http://bit.ly/2XISMx2>. Acesso em: 06 jun.2019.

-
- LEFF, E. **Epistemologia Ambiental**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- LEITE, L. ‘Coragem’, ‘beleza’, ‘verdade’ e outras palavras que aprendi com as Yanomami. **Medium.com/histórias-socioambientais**, 2017. Disponível em: <http://bit.ly/2J2ev3Y>. Acesso em: 06 jun.2019
- BUENO, W. C. **Comunicação, Jornalismo e Meio Ambiente: teoria e pesquisa**. São Paulo: Mojoara Editorial, 2007.
- MEDINA, C. Déficit de abrangência nas narrativas da contemporaneidade. **Matrizes**, Ano 2, N.1, jul/dez 2008a, p.77-96.
- MEDINA, C. **Ciência e jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos**. São Paulo: Summus, 2008b.
- MIGUEL, Katarini. Narrativas socioambientais em plataformas transmídias. In: XIX Congresso de Ciências da Comunicação, 2017, Curitiba. **Anais do XIX Congressos de Ciências da Comunicação**, 2017. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2978-1.pdf>. Acesso em: 15 jun.2019
- MIGUEL, K. FRAIHA, M. Jornalismo ambiental e afetos: panorama das experiências tecnológicas do movimento socioambiental. In: XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, 2018, Campo Grande. **Anais do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste**, 2018. Disponível em: <portalintercom.org.br/anais/centrooeste2018/resumos/R61-0150-1.pdf>. Acesso em: 15 jun.2019
- MOTTA, Luiz Gonzaga. Retorno da narrativa: a busca do significado. **Revista signo**, Santa Cruz do Sul, v. 37 n.62, p. 53-64, jan.-jun., 2012. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/download/2834/1945>. Acesso em: 12 mai.2018.
- YAMAOKA. Semear o futuro na bacia do Xingu. **Medium.com/histórias-socioambientais**, 2017. Disponível em: <http://bit.ly/2LuRkRJ>. Acesso em: 10 jun.2018.